

GREVE

**PROFESSOR@S,
VENHAM DECIDIR
SE AGORA É A
HORA DE PARAR**

ASSEMBLEIA, 5 DE ABRIL

Reunião será multicampi, sexta-feira, a partir de 10h.
Todos os professores e professoras da UFRJ podem votar

JUNTOS SOMOS+FORTES

Orgulho de Ser UFRJ

AdUFRJ
PROFESSORES DA UFRJ

FALE CONOSCO
(21) 99644-5471 (21) 99358-2477

NOVOS SINDICALIZADOS TERÃO:

- ✓ **GRATUIDADE NOS PRIMEIROS DOIS ANOS PARA DOCENTES ADJUNTOS E ASSISTENTES**
- ✓ **CONTRIBUIÇÃO DE 0,4% NOS 24 MESES SEGUINTE**
- ✓ **ATENDIMENTO JURÍDICO**
- ✓ **AVALIAÇÃO DE PLANO DE SAÚDE**
- ✓ **CONVÊNIOS COM DESCONTOS**

AdUFRJ
PROFESSORES DA UFRJ

PROFESSORES LANÇAM REDE DE APOIO À PALESTINA

Professores universitários brasileiros criaram a Rede Universitária de Solidariedade à Palestina. Os principais objetivos são denunciar os crimes cometidos pelo Estado de Israel há mais de 70 anos, e mobilizar as universidades brasileiras em uma grande campanha pelo cessar-fogo imediato. Pelo site <https://universidades-pelapalestina.com> é possível encontrar mais informações sobre o histórico de conflitos na Faixa de Gaza, artigos que discutem o tema e o manifesto de criação do grupo.

O lançamento oficial da Rede no Rio de Janeiro está previsto para a primeira quinzena de abril, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS). Uma segunda atividade de lançamento deve ocorrer na Uerj. A Congregação do IFCS aprovou, na última reunião, o apoio à iniciativa. Exemplo que os docentes tentarão que seja seguido em outras unidades acadêmicas



e universidades.

A professora Anita Handfas, da Faculdade de Educação, é uma das coordenadoras nacionais do grupo. "A rede vem

fazendo ações importantes, ainda localizadas nas universidades. A maioria dessas atividades são debates sobre a situação da Palestina, além

de denúncias sobre o massacre à população", explicou durante reunião de docentes das universidades do Rio de Janeiro, ocorrida no dia 25.

CONVÊNIOS

Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). A proposta é oferecer descontos em estabelecimentos como escolas, cursos, academias, clínicas estéticas e de saúde, entre outros. Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Meriane, no tel: (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: meriane@adufjr.org.br.

RIO DE JANEIRO

- IBEU**
- CLUB PET**
- MAPLE BEAR TIJUCA**
- MIT CUIDADORES**
- ACADEMIA TIJUCA FIT**
- MADONA CLINIC**
- Psicare PSICARE**
- FISIOTERAPIA RJ LTDA**
- CRECHE AMANHECENDO**
- CRECHE ESCOLA RECRIAR**
- CESTA CAMPONESA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS**
- ROÇA URBANA ORGÂNICOS**
- JC LUZ CORRETORA**

FLORA ENERGIA SUSTENTÁVEL

BAUKURS CENTRO DE ATIVIDADES CULTURAIS

MACAÉ ESCOLA ALFA

CLÍNICA ESTAÇÃO CORPORAL

HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR

MAIS FITNESS ACADEMIA

CORPUS CENTRO DE QUALIDADE DE VIDA

INSPIRE ENERGIA SOLAR

KALUNGA PAPELARIA

RAIA DROGARIA RAIA

Assembleia vai decidir se docentes entram em greve

> Reunião será multicampi, na próxima sexta-feira, dia 5, a partir de 10h. Todas as professoras e professores podem votar, mesmo os não sindicalizados. Diretoria da AdUFRJ é contra a paralisação

SILVANA SÁ
silvana@adufjr.org.br

Professores da UFRJ têm encontro marcado na próxima sexta-feira, 5 de abril, para debater e decidir sobre o futuro das aulas na universidade. A pauta da assembleia é a proposta apresentada pelo Andes, de deflagração de greve em 15 de abril. A diretoria da AdUFRJ é contra o começo da paralisação em abril e defende o reforço da mobilização por salários, por melhores condições de trabalho e pela recomposição orçamentária da UFRJ. Todos os docentes podem votar, inclusive os substitutos e não sindicalizados.

A diretoria da AdUFRJ já havia marcado assembleia para a segunda-feira, dia 8, mas muitos professores pediram a troca da data por conta da Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural (JICTAC). O pedido chegou por meio de um abaixo-assinado e por diversas solicitações informais de colegas de diferentes unidades acadêmicas.

A assembleia será presencial e multicampi (veja mais informações na tabela ao lado). Há um cronograma definido: os informes estão previstos para o horário das 10h30 às 11h30.

ONDE SERÁ A ASSEMBLEIA:
CENTRO DE TECNOLOGIA - AUDITÓRIO E-212

PRAIA VERMELHA, SALA 203 DO INSTITUTO DE ECONOMIA

CAMPUS DE MACAÉ - POLO UNIVERSITÁRIO

PAUTA:
INDICATIVO DE GREVE DO ANDES-SN PARA 15 DE ABRIL

10h
Primeira convocação

10h30
Início da AG

10h30 às 11h30
Informes

11h30 às 13h
Discussão da pauta

13h às 16h
Votação por cédulas em urnas

16h
Apuração

GREVE

PROFESSOR@S, VENHAM DECIDIR SE AGORA É A HORA DE PARAR

preciso fortalecer a mobilização interna para construir um movimento forte. Não queremos uma decisão açodada. Por isso é tão importante a participação do maior número possível de professores. Exatamente por isso trocamos a data da assembleia: para possibilitar essa ampla participação", justifica a dirigente.

Veja abaixo a nota assinada pela diretoria sobre o indicativo de greve proposto pelo sindicato nacional.

Participe da assembleia!

Já o debate sobre a pauta da assembleia acontece no horário das 11h30 às 13h, quando será aberta a votação. Não haverá votação eletrônica. As urnas físicas fecham às 16h nos três locais de reunião. A apuração se iniciará logo em seguida.

"Essa é uma pauta que afeta o fazer docente de todos os colegas, portanto, a decisão sobre a greve não pode ser restrita apenas aos professores filiados ao sindicato", defende a professora Mayra Goulart, presidenta da AdUFRJ. "Queremos ouvir todos os colegas. A diretoria, nesse momento, indica que é

NOTA DA DIRETORIA DA ADUFRJ: GREVE NÃO PODE SER BANALIZADA

O Congresso do Andes, realizado no final de fevereiro, indicou a construção de greve dos docentes das universidades federais no primeiro semestre de 2024, no contexto da campanha salarial.

Na concepção da Diretoria da AdUFRJ, a greve é a última ferramenta de pressão que uma categoria profissional dispõe em busca de seus objetivos. Portanto, o uso deste instrumento não pode ser banalizado e deve ser alvo de amplo debate sobre seus prós e contras.

Diferente de outras universidades, as aulas da graduação começaram apenas no dia 18 de março. Em nossa avaliação, seria um erro realizar uma Assembleia Geral para deliberar sobre o tema antes dessa data, uma vez que a maior parte dos campi da UFRJ estaria esvaziada. Para nós, a decisão sobre greve não pode ser tomada de forma açodada e com baixo envolvimento do conjunto dos professores.

“A decisão sobre greve não pode ser tomada de forma açodada e com baixo envolvimento do conjunto dos professores.”

DIRETORIA DA ADUFRJ

Nesta perspectiva, a Diretoria da AdUFRJ decidiu realizar um amplo processo de debates sobre a conveniência ou não da realização de greve em 2024. O calendário proposto consiste

em reuniões do Conselho de Representantes (CR), reuniões nas unidades e, por fim, Assembleia Geral (AG).

Este processo já teve início com a realização de uma reunião do Conselho de Representantes em 11 de março. Nessa ocasião, foram apresentados aos representantes os debates que ocorreram no Congresso do Andes, além de outras informações sobre o processo de negociação com o governo.

Como passo seguinte, o CR indicou a realização de reuniões nas unidades e um novo encontro em 03 de abril de 2024 para discutir o retorno das consultas. Além do CR e das reuniões nas unidades, como parte do processo de discussão, o Andes realizou reunião do Setor das Instituições Federais de Ensino no último dia 22 de março.

Ainda que o processo de negociação com o governo esteja em curso, o Sindicato Nacional

decidiu por indicar o início da greve no dia 15 de abril. Tal decisão ainda será objeto de deliberação de cada universidade.

Dando sequência ao processo de discussões, a AdUFRJ seguirá seu calendário de debates e deliberação:

• Até 02/04 - Discussões nas unidades

• 03/04 - Reunião do Conselho de Representantes

• 05/04 - Assembleia Geral

Para nós, o debate deve ocorrer levando em consideração:

a) a justiça de nossas reivindicações;

b) a situação da UFRJ;

c) o visível esvaziamento dos

campi pós-pandemia, com o aumento da evasão;

d) a conjuntura política do país, na qual a vitória do campo progressista se deu por restrita margem de votos;

e) a força social da extrema direita e sua capacidade de mobilizar parte da sociedade contra as universidades; e

f) as sinalizações apresentadas pelo governo (reajuste linear de 9% para os servidores e reajuste das bolsas em 2023; reajuste de 9% dividido em duas parcelas em 2025 e 2026).

Contamos com a ampla participação dos docentes nessas discussões a fim de que qualquer decisão seja a mais legítima possível.

POR QUE A UFRJ ESTÁ EM CRISE E O QUE FAZER?

SILVANA SÁ
silvana@adufjr.org.br

Professores que ocupam ou ocuparam cargos de gestão acadêmica analisam a crise orçamentária da UFRJ e os problemas de infraestrutura que castigam o cotidiano de docentes, estudantes e técnicos. Experientes e integrantes de diferentes grupos políticos da universidade, eles ponderam sobre a greve e possíveis estratégias para resolver essa teia de problemas que hoje ameaça aulas, compromete pesquisas e impacta o futuro de milhares de jovens



MÁRCIA ABRAHÃO
Presidente da Andifes e reitora da Universidade de Brasília

Há situações muito diversas de infraestrutura nas universidades federais brasileiras e um quadro de desfinanciamento aprofundado de 2016 a 2022. Em 2023 houve melhora no orçamento, mas ainda insuficiente. A UFRJ é uma universidade muito antiga, tem problemas específicos, por exemplo, de dificuldades em obras em prédios tombados, enquanto as novas não têm prédios. Não é má gestão. É falta de financiamento e de previsibilidade. Até agora a gente não sabe o que vem no PAC, cada ano é uma surpresa no orçamento. A Andifes defende um orçamento mínimo constitucional, de forma que seja possível o planejamento das ações. Essa previsibilidade ajuda muito o gestor.



DENISE PIRES DE CARVALHO
Presidente da Capes, professora e ex-reitora da UFRJ

Minha gestão foi difícil. Muito difícil. Enfretamos a pandemia, o governo e cortes sucessivos no orçamento semestralmente. Não havia diálogo com Brasília e existia um cenário de morte no Brasil. Mesmo assim, conseguimos manter a universidade aberta. Devo isso à minha equipe técnica e aos elos de solidariedade de professores, técnicos e estudantes da UFRJ. Espero que esse ambiente de solidariedade e excelência siga marcando a identidade da nossa Minerva.



CÁSSIA TURCI
Reitora em exercício da UFRJ e professora do Instituto de Química

A pauta da greve é justa. A gente está com salários defasados, tanto docentes quanto técnico-administrativos. Mas eu acredito em outra saída que não a greve, porque, em geral, muita gente não participa dos movimentos e considera como um momento de férias. Isso esvazia a instituição. É muito grave. Estamos sofrendo ainda as consequências da pandemia. Sempre defendi uma universidade pujante, populosa. Os estudantes estão começando a voltar agora. Temos discutido na Andifes essa questão da greve com a Fasubra e com o Andes. Os salários do MEC são os mais baixos de todos os ministérios, então é uma justa pauta. Mas precisamos nos unir. Temos que cuidar da UFRJ e a greve não resolve nossas questões.



RODRIGO FONSECA
Diretor da AdUFRJ, professor e ex-diretor do NUPEM/Macaé

Tivemos 9% de reposição ano passado e temos proposta de 9% parcelados nos próximos dois anos, mas não temos ainda uma resposta em relação ao presente ano. Apesar disso, sou contra uma greve longa, com pouca mobilização e que tradicionalmente envolve não dar aula na graduação, mas a continuidade da pós-graduação e das pesquisas. Essa estratégia afeta mais os alunos costistas. O que fazer então? Chamar atenção da sociedade com formas mais modernas de pressão, demonstrar a força e a importância da Universidade e utilizar a greve somente como última alternativa. Parando agora, corremos um sério risco de desmobilizar nossa comunidade acadêmica e de esvaziar ainda mais a UFRJ.



CARLOS FREDERICO ROCHA
Diretor do Instituto de Economia e ex-reitor da UFRJ

Há dois pilares que explicam como chegamos a esse momento. Houve uma redução constante de orçamento desde 2013. A entrada do governo Lula cessou a redução, mas não recompôs o orçamento. O segundo ponto é que quando tivemos recursos, não tivemos boas gestões. Elas falharam em recuperar nossas infraestruturas. Apostamos demais na expansão, que não foi efetiva porque boa parte dos prédios não foi concluída. A boa gestão e a obtenção de recursos adicionais são caminhos importantes para a gente recuperar a universidade. Pela primeira vez desde a pandemia temos salas de aula cheias. Temos que colocar essas pessoas do nosso lado. A greve vai nos afastar de quem demanda nossos serviços.



JOSÉ ROBERTO MEYER
Professor do Instituto de Bioquímica Médica e ex-pró-reitor de Graduação

Entendo que o Andes está fazendo o jogo que não interessa às forças comprometidas e democráticas da universidade. A greve neste momento talvez seja mais política do que justa. Um ponto de análise é que estamos há bastante tempo sem aumento salarial e o governo Lula não está sendo sensível a isso. É preciso reconhecer. Outro ponto é que a UFRJ não cabe em seu orçamento de custeio. A matriz Andifes é extremamente injusta com as especificidades da UFRJ. No entanto, sabemos que há uma questão também de gestão. Não dá para responsabilizar só o orçamento. Qualquer greve nesse momento desestabiliza o governo.



EDUARDO RAUPP
Professor do Coppead e ex-pró-reitor de Planejamento e Finanças

Os problemas atuais não são novidade. O que existe de novo é que havia uma expectativa de que, mudando o governo, os problemas seriam magicamente resolvidos. O governo anterior apostou em desacreditar a universidade e transformá-la em algo irrelevante. A gente não pode perder de vista esse contexto. A gente vai resolver nossa relevância social, as questões de infraestrutura e de financiamento com a greve? É preciso discutir o modelo de financiamento, a inserção das universidades nas políticas públicas, a carreira docente e dos técnicos. Para fazer esse tipo de propostas, as universidades precisam estar abertas. Não sou contra a greve, mas nossos problemas vão muito além do que uma tática de greve pode solucionar.



VANTUIL PEREIRA
Decano do Centro de Filosofia e Ciências Humanas

A UFRJ sempre teve dificuldade de planejamento e execução de projetos. Isso é um dado. Outro, é o esgarçamento do orçamento. Também houve mudança no perfil dos estudantes, o que requer mais recursos. A era Bolsonaro atacou a universidade e seu lugar de produtora de conhecimento. Por outro lado, várias promessas do governo Lula não foram cumpridas: o orçamento foi insuficiente, esse ano é de reajuste zero, há dificuldade de diálogo. São elementos que fortalecem o argumento da greve. Uma contradição é que a greve tende a esvaziar a universidade, que é um espaço que precisa ser politizado. Ficar parado, por outro lado, também não ajuda nesse debate. A questão tem vários ângulos que precisam ser analisados.

Redução do valor de bolsas de extensão sofre críticas

> Extinção de duas modalidades pelo Conselho de Extensão Universitária atinge em especial os alunos de pós-graduação que assumem postos de coordenação nos projetos. APG vê precarização

RENAN FERNANDES
comunica@adufjr.org.br

O Conselho de Extensão Universitária (CEU) promoveu mudanças no edital 2024 do Profaex (Programa Institucional de Fomento Único de Ações de Extensão). Na última sessão do colegiado, os conselheiros aprovaram, por dez votos a sete, a extinção de duas modalidades de bolsas, nos valores de R\$ 1.100 e R\$ 1.400. O maior valor pago aos bolsistas de extensão será de R\$ 700. A justificativa para a decisão foi promover a igualdade e aumentar o número de bolsas concedidas.

Houve uma primeira tentativa de excluir os estudantes de mestrado e doutorado do edital de bolsas de extensão. A Associação dos Pós-graduandos (APG) da UFRJ entrou na disputa e conseguiu reverter a decisão. O cancelamento das modalidades mais altas de bolsas atinge, em especial, estudantes de pós-graduação que, desde 2022, podem ocupar funções de vice-coordenação em ações de extensão.

Em nota, a associação criticou o que chamou de precarização do trabalho de pesquisa e extensão na universidade. A APG entende que o pós-graduando vive em uma condição híbrida de estudante e trabalhador. A entidade reforçou também que a presença de pós-graduandos nos projetos reforça o tripé pesquisa, ensino e extensão.

Gabriel Batista, estudante de mestrado na Faculdade Nacional de Direito e secretário-geral da APG, defendeu a valorização do estudante que assume funções nos projetos de extensão. “O aluno pode se envolver na extensão acumulando mais responsabilidades. Se ele trabalha mais, dedica mais tempo

ao projeto, o trabalho dele deve ser valorizado financeiramente”, afirmou Gabriel.

Para manter o interesse dos estudantes em contribuir com o desenvolvimento de ações de extensão, Gabriel defende que os programas precisam ser minimamente competitivos com o mercado de trabalho. “As pessoas precisam sobreviver. O que vai acontecer é que os estudantes vão atrás de um estágio que paga o triplo do valor de uma bolsa e abandonar a extensão”, constatou o secretário.

“Ser extensionista não pode ser um ato de caridade. Extensão é trabalho. Tem que ser reconhecido e valorizado como tal”, concluiu Gabriel.

Para a pró-reitora de Extensão da UFRJ, Ivana Bentes, as políticas de extensão têm que buscar integrar e ampliar cada vez mais a participação dos pós-graduandos na extensão. “As bolsas com valores diferenciados eram um estímulo e reconhecimento do papel dos pós-graduandos. O próximo passo é ter as horas de extensão registradas e integradas aos currículos da pós-graduação”, explicou a pró-reitora.

A diminuição do valor das bolsas vai de encontro às iniciativas nacionais para aumentar a presença de estudantes de mestrado e doutorado nos programas de extensão. A UFRJ recebeu em janeiro R\$ 1.528.300,00 do edital PROEXT-PG da Capes para financiar ações de extensão na pós-graduação.

Cleide Lima, diretora de extensão da Coppe, considerou a decisão um retrocesso. “A integração da extensão com a pós-graduação nunca foi fácil e essa decisão distancia ainda mais”, disse Lima. A diretora argumentou em favor da autonomia dos coordenadores para gerir as bolsas com o objetivo de atingir os objetivos de cada projeto. “O que deve ser avaliado no edital é o conteúdo da proposta e o

ALESSANDRO COSTA/ARQUIVO ADUFRJ



Ser extensionista não pode ser um ato de caridade. Extensão é trabalho. Tem que ser reconhecido e valorizado como tal”

GABRIEL BATISTA
Secretário-geral da APG

plano de atividades propostas ao aluno, seja ele de graduação ou pós”, defendeu.

DÉFICIT

Existem um déficit de mais de 1.000 bolsas de extensão na UFRJ. No último edital, a demanda foi de 1.994 e foram distribuídas 839. Dessas, apenas 18 foram de valores diferentes de R\$ 700. Ou seja, considerando o valor máximo de R\$ 1.400 oferecido no edital em prática, no máximo 18 novas bolsas serão criadas em 2024. Um acréscimo de 2,1%.

Para o professor Edilberto Strauss, vice-diretor da Escola Politécnica e presidente da Câmara de Legislação e Normas do CEU, o aumento no número de bolsas distribuídas é irrisório. “Apresentei um estudo estatístico mostrando que o impacto é insignificante. Perdemos mais com a evasão de alunos que deixam de contribuir com

o desenvolvimento de projetos dentro da universidade e vai buscar estágios fora”, ponderou Strauss, que foi um dos sete votos vencidos na votação do CEU.

A extensão não tem apoio de uma agência de fomento. O Profaex possui um orçamento previsto de R\$ 6,843 milhões para bolsas. Desse valor, R\$ 6,593 milhões são destinados a projetos e programas e R\$ 250 mil para eventos e cursos. Os valores não sofreram alteração para 2024.

A aprovação do edital estava prevista para dezembro. A falta de acordo entre os conselheiros em temas sensíveis provocou adiamentos. Foi formado um grupo de trabalho a fim de elaborar estudos que fornecessem dados sobre as propostas de alteração. A previsão de membros do conselho é que ainda serão necessárias ao menos duas sessões para a aprovação do texto final.

FÓRUM DE SERVIDORES CONVOCA PARA ATO UNIFICADO DIA 3 DE ABRIL

Reunidas na manhã de terça-feira (26), as entidades que compõem o Fórum dos Servidores Federais do Estado do Rio de Janeiro decidiram realizar um ato unificado no dia 3 de abril como parte da estratégia de mobilização da campanha salarial do funcionalismo. A con-

centração ficou marcada para as 16 horas na Candelária, com caminhada pela Avenida Rio Branco até a Cinelândia.

Participaram da reunião representantes de dez entidades, que deram informes sobre suas bases, mostrando que há graus diversos de mobilização.

Secretária-geral da ADUFF, a professora Susana Maia disse que o sindicato já está mobilizando sua base para iniciar a greve indicada pelo Andes para o dia 15 de abril. A professora Mayra Goulart, presidenta da AdUFRJ, informou que o sindicato marcou assembleia para

debater a greve para o dia 8 de abril, precedida por uma reunião do Conselho de Representantes no dia 3 — depois da reunião, a diretoria decidiu convocar a assembleia para o dia 5 e manteve a data do CR. “É necessário o acúmulo do debate entre os docentes, que acabaram de voltar das férias na UFRJ, para que a greve não seja açodada”, ponderou Mayra.

Já em greve desde o dia 11 de março, os técnicos-administrativos em educação indicaram

que o movimento paredista pode prosseguir por meses, caso persista o impasse nas negociações com o governo federal. “O governo criou um grupo de trabalho para analisar a reestruturação da carreira TAE e prometeu nos apresentar um relatório com pontos consensuais e não consensuais, mas ainda não fez isso. A perspectiva é que a greve prossiga por meses”, avaliou a coordenadora-geral do Sintuff, Lúcia Vinhas. **(Alexandre Medeiros)**

AULAS AINDA NÃO COMEÇARAM EM TRÊS UNIDADES DA UFRJ

> Infiltrações, interdições e falta de serviço de limpeza suspenderam as atividades de graduação em Caxias, na Educação Física e na Letras. Universidade quase teve a água cortada por falta de pagamento

KELVIN MELO
kelvin@adufrj.org.br

Funcionários terceirizados sem salários, infiltrações em laboratórios, aulas em espaços inadequados, atraso na contratação e falta de professores substitutos. O Jornal da AdUFRJ mostra, nesta e na próxima página, como os problemas se multiplicam na maior federal do país, que resiste como pode.

E a situação quase piorou: às pressas, a universidade precisou pagar R\$ 3 milhões à concessionária Águas do Rio para não ficar sem o serviço já a partir desta semana. O débito alcança R\$ 13 milhões. Durante a sessão do Consuni deste dia

28, a reitoria afirmou não estar alheia à situação dos terceirizados, relatada por vários conselheiros. “Temos cobrado e acompanhado as empresas contratadas nos limites que a lei nos permite. Todas as situações apontadas são lamentáveis e não temos recursos suficientes para sanar todas elas”, disse a vice-reitora, professora Cássia Turci. “A UFRJ não cabe no seu orçamento”, completou a dirigente.

PROBLEMAS

A semana começou com o alagamento de laboratórios do Instituto de Ciências Biomédicas no bloco F do CCS. Um cano de banheiro estourou no segundo andar. Materiais importantes ficaram inutilizados. “É um prejuízo não só material, mas

também moral para qualquer pesquisador”, disse a professora Josiane Sabbadini Neves.

Infiltrações em larga escala após as chuvas dos últimos dias também foram decisivas para a suspensão das aulas no campus da universidade em Duque de Caxias. Os telhados estão muito deteriorados.

Em Caxias e na Letras, os funcionários terceirizados estão sem receber salários. A congregação da unidade aguardava a formalização de um contrato emergencial para retomar as atividades acadêmicas no prédio da Cidade Universitária.

O curso de Gestão Pública para o Desenvolvimento Econômico e Social (GPDES), que funciona no local, também não come-

çou. E, ao lado de outras unidades, critica o atraso na divulgação do edital de novos substitutos da universidade. O resultado saiu esta semana, com o período letivo já em andamento.

Já a Escola de Educação Física ainda não retornou à normalidade, após o desabamento de parte do telhado, em setembro do ano passado. Aulas regulares da graduação somente voltarão ao prédio depois de um segundo escoramento da estrutura.

Sem seu ateliê, interditado por risco de queda do teto, o curso de Pintura da Escola de Belas Artes também reivindica uma reforma urgente. Docentes e alunos iniciaram o ano em espaço inadequado emprestado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. (colaborou Silvana Sá)

VAZAMENTO ATINGE LABORATÓRIOS DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS

Professores do Instituto de Ciências Biomédicas são as mais recentes vítimas da falta de infraestrutura do Centro de Ciências da Saúde. Entre domingo e segunda-feira, o rompimento de um cano de banheiro no segundo andar do bloco F causou um vazamento que atingiu os laboratórios localizados no primeiro piso. “Não tem como esconder que a precariedade da nossa infraestrutura é a razão para essas coisas acontecerem”, afirma o diretor do ICB, professor Carlos Manssour.

O Laboratório de Imunofarmacologia e Inflamação foi um dos mais prejudicados. “Encontrei um cenário devastador. O armário com materiais de uso rotineiro na bancada e outros itens foram completamente inutilizados, assim como estantes com atas de resultados de alunos,



livros, arquivos etc”, diz a professora Josiane Sabbadini Neves. Não foi um episódio isolado. Esta é a terceira vez que o laboratório sofre danos nos últimos



ESTRAGOS Rompimento de tubulação inutilizou materiais no ICB

dez anos. “É um prejuízo não só material, mas também moral para qualquer pesquisador. E o suporte institucional é nenhum, em especial neste último

incidente”, afirma a docente. “A falta de estrutura no CCS ou em qualquer centro da UFRJ não deve ser normalizada, tanto no que tange a laboratórios como

salas de aula”, completa.

“Lamentável que esses episódios venham se repetindo ao longo de anos, anos e anos. Há falta de dinheiro? Sim, mas certamente também há negligência nos atos, nos discursos inflados e na ânsia de visibilidade pessoal dos que ocupam cargos de gestão”, desabafa. “Não acredito que a solução passe por greve. Não há soluções rápidas para problemas complexos. A solução possivelmente passa por um debate nacional e reestruturação das regras do uso de recursos públicos nas universidades”.

Questionada sobre a causa do rompimento do cano de banheiro e se há algum projeto para uma reforma da infraestrutura hidráulica do prédio, a decania do CCS não respondeu até o fechamento desta edição.

COM PROFESSORES SOBRECARRREGADOS, COLÉGIO DE APLICAÇÃO RETOMA ATIVIDADES

Mesmo com todos os profissionais sobrecarregados, o Colégio de Aplicação decidiu retomar esta semana as aulas para os anos iniciais do ensino fundamental e para o segmento de educação infantil — as atividades estavam suspensas desde o último dia 20 por falta de professores.

A situação continua crítica, mas foi parcialmente contornada com a chegada de alguns docentes substitutos. O colégio ainda demanda 21 professores em função de vagas não preenchidas no último edital e da rescisão de uma substituta que esta-



DESALENTO Alunos do CAp sofrem com poucos professores

va com contrato já renovado. Só para a educação especial, são dez vagas em aberto. “Já solicitei a publicação de novo edital para estas vagas não preenchidas”, informa a diretora da unidade, professora Cassandra Pontes.

Um recurso também foi encaminhado ao Conselho de Ensino de Graduação para solicitar seis vagas emergenciais, em função de aposentadorias e da troca de gestão — professores que saíram de sala de aula para assumir posições administrativas — neste ano. Além disso, o colégio apresenta déficit de pelo menos dez profissionais terceirizados de apoio à inclusão.

E o cenário pode piorar em breve. Com o início da orientação das licenciaturas, previsto para meados de abril, será ainda mais sobrecarregada a carga horária dos docentes.

“Todos estamos muito cansados. Essa situação tem demandado reuniões constantes da nossa equipe. Em carta que compartilhamos com o corpo social do CAp descrevemos um pouco, mas não tudo, do quanto a escola vem se dedicando a pensar e repensar formas de amenizar este momento de crise”, observa a professora Cassandra Pontes.

GRADUAÇÃO FICA SEM ESPAÇO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

A Escola de Educação Física e Desportos não começou as aulas da graduação. A unidade segue parcialmente interditada após o desabamento de um pedaço do beiral do telhado, em setembro. A primeira semana letiva de 2024 foi dedicada a atividades de acolhimento aos alunos da graduação. Já os projetos de extensão e cursos de pós-graduação stricto sensu voltaram ao prédio, em áreas autorizadas pelo Escritório Técnico da Universidade.

O primeiro escoramento da estrutura — na parte diretamente atingida — demorou três meses para acontecer e o período passado só pôde ser encerrado com a redistribuição dos mais de 3 mil estudantes por outras unidades e centros. A maioria, no CCS. “Isso prejudicou demais nosso cotidiano”, afirma a diretora, professora Katya Gualter.

A primeira obra, porém, não é suficiente para permitir a plena utilização do prédio.



PRIMEIRO ESCORAMENTO aconteceu ano passado

Será realizado um segundo escoramento de toda a extensão do beiral do telhado. A expectativa é que o serviço seja iniciado nos próximos dias. “Após esse segundo escoramento, teremos

a segurança e a autonomia de poder usar nosso prédio, subtraídas as áreas comprometidas com a desabamento”, explica Katya.

A congregação da EEDF decidiu aguardar a conclusão desta segunda obra para retomar as aulas. A escola ainda precisará de uma reforma definitiva do telhado no bloco onde aconteceu o desabamento. Além da recuperação das salas e laboratórios hoje interditados.

A diretora agradeceu à administração central, ao CT (que está ajudando em uma obra emergencial do telhado) e a outras unidades e centros que emprestaram espaços para a realização das aulas. “Principalmente à coordenação de integração acadêmica do CCS, que tornou possível nós terminarmos o período letivo passado. Sabemos que o CCS está enfrentando problemas de infraestrutura com espaços sem quaisquer condições de uso”, diz a diretora.

LETRAS MANTÉM AULAS SUSPENSAS



IMPASSE Falta de limpeza impede reinício das aulas na Letras

A Congregação da Faculdade de Letras decidiu manter a suspensão das atividades — adotada desde o dia 18. A unidade está sem serviço de limpeza. Os funcionários terceirizados não receberam o pagamento relativo a fevereiro, no início de março. A ideia era esperar a definição da reitoria sobre a vigência do contrato emergencial com nova empresa.

Mas isso não deve ocorrer. A vice-reitora Cássia Turci informou que não houve empresas interessadas para o

contrato. A administração central disse no Consuni que o pagamento da empresa atual seria feito nesta quinta.

Os professores tentam manter alguns compromissos acadêmicos em outros espaços. Exemplo foi o Colégio de Língua e Literatura Italiana, com seis convidados estrangeiros, transferido para um auditório no antigo prédio da reitoria, entre 18 e 20 de março. “Não seria possível reprogramar para esses visitantes”, disse a professora Flora de Paoli.

ATELIÊ INTERDITADO NA EBA



IMPROVISO Salão da FAU serve como ateliê provisório da EBA

Os alunos da Escola de Belas Artes realizaram uma manifestação no hall do edifício Jorge Machado Moreira para protestar contra as precárias condições de estudo, no dia 26. O ateliê de pintura Candido Portinari, mais conhecido como Pamplonão, está interditado desde o final de janeiro. Há risco de queda do teto, que sofre há anos com constantes e crescentes infiltrações.

A unidade verifica com o Escritório Técnico da universidade a possibilidade de reabrir alguns trechos do ateliê. “O que não resolveria de maneira alguma os problemas do curso. Vai gerar um alívio muito pequeno”, enfatiza o professor Pedro Meyer Barreto, chefe do Departamento de Artes Base.

Enquanto isso, as atividades foram deslocadas para uma sala e um salão — com

graves problemas de ventilação — emprestados pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, em outro bloco do prédio. “Além disso, o espaço não tem equipamentos necessários para o trabalho de Pintura, como tanques”, explica Pedro.

A professora Martha Werneck reforçou as dificuldades de dar aula no salão. “Ontem, tivemos três aulas simultâneas aqui, com todos os ventiladores ligados. Saí sem voz”, disse. “As questões acústica e térmica aqui são muito complicadas. Não é só o espaço; é a qualidade deste espaço”, criticou.

A vice-reitora Cássia Turci disse que a administração central recebeu um processo de reforma do Pamplonão na véspera do fechamento desta edição. Segundo ela, ainda não houve tempo para analisar o documento.

CURSO TEM ATRASO NA CONTRATAÇÃO DE SUBSTITUTOS

A suspensão das atividades na Letras também impede o funcionamento do curso de Gestão Pública para o Desenvolvimento Econômico e Social (GPDES) que, sem sede própria desde sua criação em 2009, fica localizado na unidade — mesmo sendo vinculado ao IPPUR. Mas o GPDES já teria dificuldades para começar o período letivo por falta de docentes. O motivo é o atraso na divul-

gação do edital de contratação dos substitutos.

Os resultados saíram somente esta semana e ainda precisa ser realizado o processo de contratação, com o primeiro período letivo já iniciado. O curso solicitou 11 docentes e ganhou oito vagas. “Desde novembro, estou esperando abrir este edital”, afirma a professora Giselle Tanaka, coordenadora do GPDES. “Não temos professores do quadro para cobrir

algumas disciplinas obrigatórias”.

A pró-reitoria de Graduação (PR-1) esclareceu que o atual cronograma atrasou 30 dias para esperar o resultado da Comissão Temporária de Alocação de Vagas (Cotav), em 2023. Além disso, os recursos das unidades ao Consuni para pedir mais substitutos, no fim do ano passado, contribuíram para a extensão dos prazos.

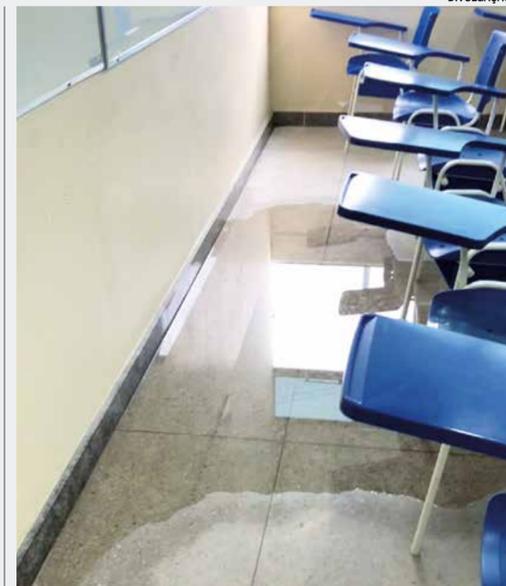
CAXIAS SEM LIMPEZA E COM INFILTRAÇÕES

A combinação de servidas terceirizadas de limpeza sem salários e muitas infiltrações nos telhados foi explosiva para o campus de Duque de Caxias da UFRJ. As aulas foram suspensas entre o início da tarde de segunda e a quinta-feira (data do fechamento desta edição).

A empresa, que não havia recebido os repasses da universidade referentes aos três últimos meses, deixou de pagar as funcionárias no início de março. Um atraso que não é inédito. “Ano passado, nossas terceirizadas ficaram sem receber novembro e dezembro. Só foram receber na véspera do Natal”, afirma a diretora do campus, professora Juliany Rodrigues.

No Consuni desta semana, o pró-reitor de Finanças, professor Helios Malebranche, informou que o pagamento à empresa seria realizado nesta quinta-feira.

Em paralelo ao problema da falta de limpeza, a diretoria do campus tenta a liberação de recursos disponíveis



INFILTRAÇÕES impediram início das aulas no campus de Caxias

na Fundação Coppetec para modernizar a cobertura dos três prédios e acabar com as infiltrações. Elaborado pelo

Escritório Técnico da universidade, há um projeto pronto desde o ano passado, mas ainda não implementado.

60 ANOS

DO GOLPE DE

1964

GOLPE
NUNCA
MAIS

